CONTOS QUE VALEM CONTOS

Índice

7 – Na fronteira com o Paraguai;
10 – Na Rua Liberata Santos;
13 – Um relato da amiga Gertrudes;
18 – A Carmozina me contou;
22 – Uma história da vida;
26 – Chumbo trocado não doe;
27 – O veneno;
29 – A “fofoqueira”;
32 – O filho do pecado;
41 – Vida louca;
45 – Reunião de pais e mestres;
49 – Desespero de um pai;
52 – O que é terror?
55 – Dia de felicidade;
57 – Gentileza gera gentileza;
59 – Mulher perfeita;
62 – O outro lado da moeda;
66 – Cidade maldita;
70 – Acidente fatal;
75 – O taxista;
77 – O pior final de semana;
80 – FIM.

AGRADECIMENTOS

Sobretudo, agradeço a DEUS por me conceder condição de raciocinar e escrever que o que mais gosto de fazer.

Aos meus pais, que já se encontram em outra dimensão e que foram importantes nos meus ensinamentos.

Agradeço com orgulho pelo privilégio de ser sido escolhido para ser pai dos filhos: Kennedy, Alessandra e Renata que fazem parte da minha história.

Walquíria, Lia, Vinícius, Henriko, Bernardo, Elisa e Danilo, são sete rosas que enfeitam o jardim da minha vida.

A você leitor amigo que ao ler meus contos me deixa orgulhoso e gratificado.

"SENHOR, concedei-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar o que posso e sabedoria para avaliar a diferença".

Para Tânia, companheira, mulher, amiga e minha eterna namorada, o meu carinhoso beijo.

Clóvis

D E U S
sobre todas as coisas

Na fronteira com o Paraguai

O senhor Temístocles era pai de um amigo que jogava bola no mesmo tive de várzea que eu. O time se chamava BR, que eram as iniciais do nome do nosso bairro. Bento Ribeiro, um bairro do subúrbio carioca e como ponto de referência, fica próximo a famosa Madureira, terra do samba. Ele me narrou uma estorinha que eu transformei nesse conto. Disse que nasceu e foi criado na cidade de Marechal Rondon, no estado do Paraná, cidade que não fica muito distante do Paraguai. Próximo da sua casa, tinha uma velhinha que estava sempre com sua lambreta. De quinze em quinze dias ela passava pela fronteira montada numa moto, com um enorme saco na garupa. Os guardas que trabalhavam na fronteira, começaram a desconfiar da velhinha, até que um belo dia, quando ela ao passar, um fiscal da Alfândega que estava há dois meses naquele posto, fez sinal, mandando que ela parasse ali ao lado, fazendo sinal com a mão direita. A velhinha parou e então o fiscal lhe perguntou:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí na garupa da moto. Posso saber o que a senhora leva nesse saco?
A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e respondeu:
– É areia!
Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da moto para examinar o tal saco de areia. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e realmente ali dentro só tinha areia mesmo, fato que deixou o fiscal encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente, disse que podia ir e lhe desejou uma boa viagem...
Ela montou na moto e foi embora, com o saco de areia atrás.
Mas o fiscal desconfiado, não conseguia entender ainda o que poderia estar acontecendo naquele posto de fiscalização da Alfândega. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, mais ou menos no mesmo horário, quando ela passando com o saco na garupa da moto...

O fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai...
O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava naquele saco era areia.
Diz que foi aí que o fiscal se chateou:
– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com trinta anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.
– Mas no saco só tem areia, disse a velhinha.
E já ia se retirando com a moto, quando o fiscal propôs:
– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?
– O senhor promete que não “espalha”? quis saber a velhinha.
– Juro, respondeu o fiscal.
– É moto. O saco de areia é exatamente a forma de enganar os guardas.

Na rua Liberata Santos

Precisei dar um pulo na bela cidade maravilhosa e estava passando pelo calçadão de Copacabana, quando reencontrei um amigo da nossa época de Bento Ribeiro, bairro gostoso de se morar e fica na zona da Central do Brasil. O amigo que aqui vou tratar pelo seu sobrenome de Fonseca. Falamos sobre nossas andanças, o que fizemos durante o tempo em que perdemos o contato. Relembramos que ali naquela areia de Copacabana, jogamos muita bola, fizemos muita bagunça na maravilhosa época dos anos sessenta. Foi quando de repente o Fonseca fez questão me contar um caso inusitado e eu lhe prometi que transformaria em um conto dos meus contos como faço agora.

Disse que se pai lhe deu um dinheiro para pagar a conta de energia, já que naquela época não havia internet e nem débito automático em conta. Pegou o dinheiro com seu pai e de trem foi até Madureira, já que tinha que comprar também um caderno de desenho. Logo que entrou na Rua Almerinda Freitas em Madureira, havia algumas moças que vendiam uma rifa de um carro.